

Debora Lomba
Doutora em Psicologia
Social pelo programa
de Pós-graduação da
Universidade do Estado
do Rio de Janeiro (UERJ),
sendo bolsista PDSE
(doutorado sanduíche)
durante um ano no
Centro de Estudos
Sociais da Universidade
de Coimbra em Portugal.
Mestre e Psicóloga
pela Universidade
do Estado do Rio de
Janeiro, profissional
colaboradora do projeto
de extensão COMtextos:
arte e livre expressão na
abordagem gestáltica.
Professora dos cursos de
Psicologia e Pedagogia
da Universidade Santa
Úrsula, e coordenadora
do Laboratório conTAR
na mesma universidade.
<https://orcid.org/0009-0003-2808-6080>,
debora_lomba@yahoo.com.br

Rebecca Araújo Arruda
Estudante de psicologia
do 9º período e graduada
em Comunicação Social
com especialização em
Marketing pela ESPM.
<https://orcid.org/0009-7940-2347>,
rebeccaaraajoarruda@gmail.com

A Teoria Ator-Rede como abordagem clínica: o esTAR Mulher como espaço de acolhimento com Rupi Kaur

*Actor-Network Theory as a clinical approach:
being a woman as a welcoming
space with Rupi Kaur*

Resumo: O presente artigo inaugura Teoria Ator-Rede (TAR) como uma abordagem clínica em Psicologia a partir da experiência com o espaço de acolhimento esTAR Mulher realizado pela equipe de Estágio Supervisionado Psicologia e Arte articulada com a TAR, onde, ao longo de quatro encontros, foram trabalhadas as produções da poetisa Rupi Kaur, fazendo um convite ao grupo para nos afetarmos, proporcionando um lugar de partilha e acolhimento para as mulheres participantes.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede; Clínica; Psicologia e Arte; Rupi Kaur; Formação em Psicologia.

Abstract: This article introduces Actor-Network Theory (ANT) as a clinical approach in Psychology, based on the experience of the esTAR Mulher reception space run by the Psychology and Art Supervised Internship team in conjunction with ANT, where, over the course of four meetings, the poet Rupi Kaur's productions were worked on, inviting the group to affect each other, providing a place of sharing and welcoming for the women taking part.

Keywords: Actor-Network Theory; Clinic; Psychology and Art; Rupi Kaur; Degree in Psychology

Os primeiros passos

Era uma vez uma aluna de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro incomodada com a Psicologia que lhe era apresentada e desejava por encontrar um caminho que fizesse sentido continuar. Eis-que surge um professor, uma teoria que não é aplicável, e a rota é refeita para seguir viagem rumo a conclusão do curso. Encontro esse de tanta potência que se converte na possibilidade de seguir adiante no mestrado e doutorado, pesquisando a partir da tal Teoria Ator-Rede (TAR). Daquele encontro restaurador em diante esta aluna mergulha e se encharca de tais conhecimentos a ponto de ter em suas pegadas o rastro dos autores, conceitos e reverberações que os conhecimentos da TAR fincavam nela.

É assim que ela percorre diferentes espaços atuando como psicóloga clínica, como psicóloga em um pré-vestibular comunitário, como profissional colaboradora do projeto de extensão COMtextos: arte e livre expressão na abordagem gestáltica coordenado pela professora Laura Cristina de Toledo Quadros, até chegar às salas de aula, agora na condição de professora. É na graduação em Psicologia de uma universidade privada do Estado do Rio de Janeiro que algumas ideias ganham outros contornos, sendo então a razão da escrita do presente artigo. É nesta universidade que as autoras deste texto se encontram, a professora e as estagiárias da equipe do estágio supervisionado em Psicologia e Arte articulada com a Teoria Ator-Rede (TAR) do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) e juntas vivenciam a experiência aqui relatada: o espaço de acolhimento psicoterapêutico esTAR Mulher tendo a artista Rupi Kaur como interlocutora.

Assim, nas páginas a seguir, detalharemos como se inicia este estágio, mostrando como ele surge de um desdobramento das discussões promovidas por pesquisadores da Psicologia social que ga-

**Luiza Gonçalves
Monteiro Bezerra**
Graduada em Direito
pela Universidade do
Estado do Rio de Janeiro
(UERJ) e graduanda
em Psicologia da
Universidade Santa
Úrsula (USU), cursando o
9º período. <https://orcid.org/0009-0009-4443-7320>, luizagmbezerra@gmail.com

nham espaço nas ideias e associações desta professora que vê um caminho possível para pensar a intervenção no campo da psicologia clínica. Neste passeio abordaremos como foi esta experiência de propor um grupo terapêutico unindo Psicologia e Arte promovendo um diálogo entre a TAR e a artista indo-canadiana Rupi Kaur¹. Cabe ressaltar que afirmar a TAR como abordagem clínica é um caminho precursor colocado em cena pretendendo anunciar um fazer que visa afirmar a TAR neste espaço e mostrar sua articulação com a arte neste modo de entender a clínica.

Dentro dessa proposta, a fim de facilitar a identificação dos conceitos da TAR que nos ajudaram a pensar as intervenções delineadas nas próximas linhas, cabe aqui mencionarmos alguns que serão melhor trabalhados ao longo do texto. São eles: actantes, bons encontros promissores, rede, hesitação, vínculo, *faz fazer* e corpo disponível.

A partir de agora, gostaríamos de deixar marcado os nossos caminhos em nossa escrita, por este motivo, em alguns momentos falarei eu, a professora, em outros falaremos nós as estagiárias e em outros, falaremos nós enquanto equipe. Adotamos esta política de escrita por acreditarmos que nossos caminhos se cruzam e fazem criar a partir de nossas trajetórias que são distintas, mas que criam um comum habitando juntas estes espaços e produzindo coletivamente.

O nascer de uma clínica a partir da TAR

Começar uma história é desafiador, regado de uma ousadia que exige esforços para manter organizadas as ideias. É assim então que nasce a história que pretendemos aqui relatar: o início da equipe de estágio supervisionado em Psicologia e Arte articulada com a TAR (esTAR) no SPA de uma universidade privada do Rio de Janeiro a partir do espaço de acolhimento psicoterapêutico esTAR Mulher. Mas, antes de

falar deste marco, uma contextualização se faz necessária: como uma metodologia de pesquisa em Psicologia Social se torna uma possibilidade de atuação clínica?

Para elucidar esta questão, vale relembrar que a TAR surge de uma inquietação de pesquisadores do campo de estudos Ciência, Tecnologia, Sociedade (CTS), em sua maioria sociólogos, antropólogos, que buscavam repensar o fazer científico, questionando inclusive as proposições da modernidade. Com o avanço desses estudos cada vez mais autores de diferentes áreas se aproximavam e compunham, ampliando assim as possibilidades de se pensar não só as epistemologias e metodologias, mas também as práticas.

Com essa preocupação em vista, a TAR foi se enlaçando com a Psicologia Social à medida que autores como: Ronald Arendt (2008, 2011), Marcia Moraes (2014), Laura Quadros (2015) e tantos outros, entendiam que havia ali uma rica contribuição. Cito estes nomes como uma forma de reconhecimento e agradecimento pelo terreno que preparam para que hoje eu pudesse estar aqui escrevendo este artigo, juntamente com minhas alunas, como fruto das práticas psi que tenho ampliado para além da pesquisa. Embora estes autores tenham imensa quantidade de publicações articulando Psicologia e TAR, estes escritos giram em torno da pesquisa, seja desenvolvida pelos orientandos, seja por meio de teorizações e/ou articulados com alguma abordagem clínica já reconhecida em nosso meio. O que faço aqui é dar um passo adiante: pensar a TAR como intervenção clínica sendo ela mesma uma abordagem.

E aqui retomo a indagação lançada no final do primeiro parágrafo. Desde 2017 leciono psicologia em uma universidade privada do Estado do Rio de Janeiro. Nesse período ministrei muitas disciplinas e observava de longe os colegas que atuavam no SPA. Sentia uma vontade de iniciar mais esta atividade, no entanto, adiava sem-

pre que podia a minha entrada no quadro de supervisores. Em um dos momentos que ensaiei com mais ênfase este início foi-me questionado qual abordagem trabalharia, ao que respondi rapidamente: Teoria Ator-Rede. Com toda razão de estranhar esta resposta, ouvi o questionamento: mas isso é uma abordagem? E apesar da resposta negativa, há tempos percebi que minha clínica, assim como qualquer intervenção minha em psicologia, estavam fundamentadas na TAR. E por ser um tanto quanto inovador pensar como essa metodologia de pesquisa se converte em abordagem clínica para mim é que este texto se faz necessário.

Devo dizer que após estes entraves, adiei mais uma vez o início do estágio com esta abordagem. Ainda que todo semestre recebesse e-mails de alunas perguntando se abriria uma equipe no SPA, não cedia e me mantia apenas vislumbrando quando este dia chegaria. E, depois de muito aguardar, após o convite de uma das estagiárias que hoje assina também este artigo como coautora, entendi que havia chegado o momento de colocar em prática as ideias que já vivenciava na clínica onde a TAR seguia sendo meu referencial teórico, consequentemente, minha abordagem. Animada para viver esta experiência, selecionei seis alunas e assim se formava a equipe esTAR.

A proposta é trabalhar a relação entre Psicologia e Arte tendo a TAR como abordagem clínica, assim nossas atividades sempre tem uma artista inspiração que mergulha conosco num universo de possibilidades para compor com os participantes. E este texto nasce para contar a história de um dos grupos que oferecemos no semestre de 2023.1: o esTAR Mulher, que contava com a escritora e ilustradora Rupi Kaur como artista inspiração e as duas estagiárias coautoras deste artigo como mediadoras.

Antes de adentrarmos no que foi realizado e reverberado a partir do grupo, cabe algumas colocações acerca do encontro entre es-

tagiárias e professora e algumas das aproximações da TAR com a clínica.

Sorrateiramente germinaram as sementes de afetação que nossa supervisora semeou em nós. E, foi a ousadia dela, de colocar em prática a articulação de conceitos tão valiosos como aqueles desenvolvidos a partir da TAR com a psicologia, que tivemos aquele famoso “click”, que acontece quando algo subitamente nos preenche de sentido, algo que nos remete aos tais *bons encontros promissores* (Lomba; Lima, 2020). As reuniões da nossa equipe no SPA, possibilitaram muitos questionamentos e desconstruções de tantas certezas que as disciplinas cursadas ao longo da faculdade nos fizeram criar, assim como de muitas premissas socialmente construídas ao longo de nossas vidas.

Nossos debates e trocas nos instigaram a respeito de uma nova maneira de se fazer psicologia. Partimos da noção de rede, e de que as ciências são “[...] investigadas no seu modo de construção, na rede de sua prática” (Tsallis; Ferreira; Moraes; Arendt, 2006, p. 64), sendo importante o processo de hesitação, para não assumirmos um lugar de suposto saber. Precisamos seguir os actantes, humanos e/ou não humanos, percebendo os vínculos que se estabelecem a partir dos atravessamentos dos encontros. Nesse caso, entendendo actantes como os atores humanos e não-humanos que produzem efeitos nas redes de relações, de modo que para segui-los precisamos reconhecer-los por meio das conexões que se estabelecem, pois não estão dados *a priori* (Latour, 1999).

Que fascinante poder descer do pedestal para poder encontrar, com atenção, a pessoa que está diante de nós. Que alívio poder não saber de antemão, poder acolher as incertezas e ser guiada pela curiosidade, respeitando os fluxos dos rios que constituem a vida da pessoa atendida. Não são minhas essas águas de emoções, de nada

sei dos seus transbordos e dos seus afluentes. Só nos cabe pedir licença para adentrar e se deixar guiar pelas suas correntezas (Lomba, 2020).

Essa nova proposição, de como se fazer ciência e de como se pensar uma psicologia não-moderna a partir da TAR (Arendt; Moraes; Tsallis, 2015), tem como viés a proposta de construção de saberes não hierárquicos, ou seja, em que o outro não é posto como “alvo de nossas intervenções [...] não se trata de tomar outro como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções do pesquisador” (Moraes, 2010, p. 29.). Propõe-se, na realidade, pesquisar com o outro, ao invés de pesquisar sobre o outro, fazendo assim uma pesquisa engajada, implicada, no qual as pesquisadoras são também actantes, e não observadores distantes, supostamente neutras.

Assim, o conceito de uma psicologia não-moderna perpassa “uma psicologia cujas práticas passam ao largo das clássicas separações entre sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado” (Arendt; Moraes; Tsallis, 2015, p.1). E está aí uma das aproximações do pesquisar em Psicologia social com o fazer clínico tendo a TAR como abordagem: clinicar com a TAR é entender que enquanto psicólogas somos actantes, estamos presentes na relação que se estabelece entre pessoa atendida e profissional que atende. E se estamos falando de um encontro entre actantes, consideramos como expert de sua história a pessoa atendida, tendo então de aprender com ela as conexões e narrativas que compõem a sua vida, e assim pensarmos juntas trajetórias possíveis.

Nesse emaranhado de vínculos e redes que se estabelecem entre tais actantes humanos e não humanos, uma construção implicada de saberes leva-nos a refletir o que nos faz fazer. Se não vivemos isolados, mas sim constituídos e atravessados por diversas redes relacionais, que se entrelaçam a partir do que gera afetação e vínculo,

refletimos que nosso fazer está atrelado a este rizoma. Fazemos a partir do que estas redes nos levam a fazer e nossos fazeres também produzirão novas afetações, criando novas realidades (Tsallis; Ferreira; Moraes; Arendt, 2006).

Na clínica, enquanto actantes juntamente com a pessoa que atendemos, não cabe a nós uma tentativa de distanciamento, pois é no encontro, na afetação, que podem surgir os bons vínculos. Assim, a nossa disponibilidade naquele tempo-espacó dos encontros com a nossa equipe do SPA, inicialmente online e depois presencial, possibilitou que não só pensássemos uma prática clínica a partir da TAR, mas também uma prática para outros espaços na psicologia e na vida.

E foi a partir deste solo metodológico que gerou esta abordagem, que nossas ideias germinaram e deram origem, entre tantas outras materializações, ao esTAR Mulher. Dialogando com a arte, pensamos em como elaborar um grupo de mulheres, a fim de proporcionar acolhimento umas às outras, bons vínculos que nos fizessem construir novas realidades.

EsTAR Mulher: a clínica em ação

O nome do grupo, esTAR Mulher, vem da ideia de trazer a perspectiva da TAR como abordagem clínica que ancora nossos encontros, como também uma provocação ao fato de que assim como nossas realidades são construídas, o lugar da mulher também é. Como nos relembra Simone de Beauvoir (1960), não somos mulheres, estamos mulheres, pois a construção da ideia de mulher é situada. Segundo Annemarie Mol, a política ontológica diz respeito ao fato de que a [...] realidade não precede as práticas banais nas quais interagimos com ela, antes sendo modelada por essas práticas.” (Mol, 2008, p.2). Assim, buscamos práticas que pudessem contribuir para criarmos realidades que potencializassem nossa experiência enquanto mulher. O conceito de

política ontológica que Mol traz, nos ajuda a compreender a realidade como sendo historicamente e culturalmente situada.

Destarte, a experiência de se esTAR Mulher em uma sociedade misógina e patriarcal, é bastante opressora - sendo a subjugação aprofundada se pensarmos em classe, gênero e raça - e demandante de profundas transformações. O que nos leva a novamente recorrer a TAR como uma forma de nos afastarmos do entendimento de uma produção de um “eu” pautada em uma psicologia moderna, para pensarmos num enfoque não moderno que considera que pessoas estão em conexão, em relação, em articulação (Arendt; Quadros; Moraes, 2019). Assim sendo, importa para nós este entendimento de que mundo é este que estamos pensando esse esTAR Mulher.

Assim, para *fazermos fazer* novas possibilidades de realidade, entendemos que precisávamos nos associar a uma artista que abalasse as estruturas desse terreno misógino que vivemos, em busca de uma outra forma de nos percebermos no mundo enquanto mulheres livres e potentes. Para isso, encontramos uma artista que também pode ser considerada uma artivista, entendendo que:

O artivismo delimita o âmbito de ação que parte do individual, passa pelo coletivo e alcança insuspeitados espaços no qual se localiza o outro. Esta prática desloca o cenário da arte e da política para o espaço público. Sai do espaço fechado e branco para o espaço cinza das ruas ou para o espaço virtual da Internet. (Chaia, 2007, p.1).

Considerando os diferentes lugares de fala que as mulheres ocupam e a fim de encontrar uma arte feminista que trouxesse a abordagem desses diferentes territórios existenciais, nossa referência tinha que ser de uma artivista feminista. E dentro destes afunilamentos optamos, na 1^a edição do esTAR Mulher, trabalhar com a artivista Rupi Kaur.

Rupi Kaur é poeta e ilustradora indo-canadiana, sendo de sua autoria tantos os poemas, quanto os desenhos compartilhados em suas obras. Entre as pautas abordadas no seu trabalho, põe sob holofote um conjunto de reivindicações a partir de experiências que vivenciou, como as opressões que sofreu por ser imigrante; por ser mulher; por ser pressionada a se adequar a um padrão de beleza imposto; às relações abusivas que viveu e o racismo, põe em pauta também a luta contra a transfobia. Denunciando estruturas de opressão, e compartilhando artisticamente os caminhos que abriu a partir tanto da ressignificação das dores que sofreu, a arte de Rupi Kaur faz fazer novos mundos.

A partir disso, estruturamos quatro encontros ao longo de um mês, intencionando receber pessoas que se identificassem enquanto mulheres em um espaço de acolhimento psicoterapêutico dentro do contexto acadêmico, inclusive por entender a necessidade desse espaço de compreensão, reflexão e produção de novas possibilidades nesse cenário, bem como por considerar a nossa formação universitária de forma ampliada.

Como mais uma importante contribuição da TAR, pensar o espaço de atuação é fundamental. Assim reservamos uma sala ampla, sem mesas ou cadeiras, contando apenas com um piso coberto por um tatame e almofadas espalhadas por cima dele, onde as pessoas são convidadas por uma sapateira ao lado da porta a retirarem seus calçados ao entrarem. Um ambiente com janelas enormes, que ocupam duas das quatro longas paredes, e no horário de nossos encontros, ao final da tarde, o dia se tornava noite, fazendo com que acendessem parte das luzes durante esse processo, mas não todos para que a iluminação branca não esfriasse aquele espaço de calor humano.

Pensando a partir de Latour (2012) que os actantes humanos e

não-humanos coabitariam esta sala, a cada encontro ambientávamos o espaço com um tecido no centro na sala, ao redor do qual eram dispostas algumas das almofadas ali disponíveis, convidando as participantes do grupo a se sentarem em roda. Sobre o tecido, colocávamos os materiais a serem usados na dinâmica de cada encontro, assim como os livros da autora em todos os encontros.

Nesses encontros, objetivamos proporcionar esse contato com as obras da Rupi, considerando o poder que o diálogo com a arte pode exercer nesse processo de produção de subjetividade, de apropriação e construção de narrativas. E, no decorrer do processo, pudemos perceber como a interação com os poemas e as imagens das obras levou as mulheres ali presentes a identificarem os olhares que recebem e como eles influenciam nas suas formas de estarem mulheres na sociedade, o que acabou guiando as demais dinâmicas que propusemos naquele espaço.

Sete semanas após a primeira, levávamos nossas impressões às reuniões da nossa equipe do SPA, curiosamente composta apenas por mulheres, para pensarmos as possibilidades de propostas a serem levadas ao grupo, criando assim o que bell hooks (2013) chama de comunidade de aprendizagem, onde todas estamos envolvidas com os conhecimentos e aprendizagens ali produzidas.

Nos encontros foi possível observarmos como as narrativas de diferentes mulheres encontravam espaços comuns nessa identificação de gênero e como esses encontros, com a arte da Rupi e umas com as outras, foram despertando reflexões quanto ao ser mulher, bem como potencializando novas formas de pensar essa condição. E o espaço seguro ali criado para que todas expressassem essas afetações, possibilitou que, a partir dessa conexão, fosse construído um lugar de acolhimento entre aquelas mulheres.

Foram diversas as pautas que emergiram a partir dos atra-

samentos da arte da Rupi e também das afetações que reverberaram da partilha entre as mulheres. Como a proposição da TAR como metodologia de pesquisa é de seguirmos os actantes (Latour, 2012), como nossa abordagem clínica não é diferente, assim os demais encontros foram sendo co-criados a partir do estado de presença para o que nos fazia fazer.

Todos os nossos encontros trouxeram como ponto de partida a proposta de um momento de inteireza, no qual fazímos um convite para esTAR naquele espaço e conectadas. Esse momento de inteireza teve origem nos encontros da nossa equipe de estágio do SPA. Com as supervisões inicialmente no modelo on-line, sentimos a necessidade de criar algo que nos fizesse acalmar a correria de nossas vidas para estarmos presentes naquele momento de troca. Assim, semanalmente naquele semestre, cada integrante da nossa equipe de estágio propôs para as demais uma atividade que permitisse todas chegarem e estarem inteiras naquele tempo-espacó, sendo dessa forma, denominado coletivamente de momento de inteireza. A ideia era valorizar nossa presença e disponibilidade naquele espaço, experimentando na prática o que falávamos sobre o que poderia ser uma prática clínica pensada a partir da TAR, ou seja, estar inteira como um actante na rede que se tece construindo um corpo disponível de psicóloga (Lomba, 2016).

No esTAR Mulher, então, após esse momento de evocar nossa presença, as mulheres eram convidadas a participar de uma dinâmica que tinha como fio condutor alguma obra da Rupi Kaur, sendo que nossa primeira proposta disparadora se deu a partir da leitura de um poema, bem como de um exercício artístico de reconhecimento de si mesma. Nessa ocasião, considerando que o poema da Rupi (2020, p. 154) trazia o encontro dela com ela mesma no espelho, usamos espelhos como actantes não humanos, de modo que, a partir do encontro

com nossa própria imagem, pudéssemos nos enxergar e vir a nos reconhecer.

Ao ouvirmos a Rupi falar sobre o processo de reconhecimento de si mesma e o quanto doloroso foi honrar seus pés que a levaram até os caminhos que percorreu, fomos convidadas a ver os olhos que nos viam. Ainda que no reflexo do espelho fossemos nós mesmas do outro lado, os olhos que nos encaravam tinham uma seletividade cruel para onde as nossas atenções repousavam. Os olhos eram nossos, mas, ao indagarmos de quem nos encarava, desvelamos ser um olhar bastante patriarcal. Um olhar inquisidor arregalou a íris da maioria, senão de todas nós.

Não conseguimos nos ver para além das rugas, dos desenquadramentos nos padrões de beleza impostos, não conseguimos enxergar para além das desaprovações e inseguranças que foram forjadas para nós. São tantos os atravessamentos de estruturas que se impuseram sobre nossas existências, tantas verdades vomitadas que tentaram e, em parte, constatamos que conseguiram nos capturar. Mas algo em nós se indignava.

E, nessa primeira roda, observamos também reverberar expressões que abordaram uma certa culpa em não se enquadrar na imposição do que dizem ser o feminino. Uma culpa misturada com uma pitada de desejo de ser para além das dualidades, que gerava uma alquimia da transformação. Algo urgia. Por que não ser sensível e assertiva, delicada e forte? Por que preciso ser delicada? Preciso mesmo ser forte o tempo todo? E assim fomos nos indagando, permitindo não saber, ousando hesitar, para questionar e subverter nossas possibilidades de sermos e estarmos no mundo.

Após essa primeira troca, escolhemos, para o encontro seguinte, outro poema da Rupi em que a autora fala sobre ver beleza naquilo que reconhece em si, em aceitar o que é próprio dela justamente

por ser só dela, se reconhecendo pela perspectiva das suas potencialidades, ao invés de se olhar pelas ausências e incompletude.

Antes da leitura do poema, tivemos mais um momento de inteireza, dessa vez propondo que cada mulher dissesse como estava se sentindo e jogasse um novelo de lã para outra mulher, a fim de que trouxessem luz para seus corpos e pudessem tecer uma rede de afetos, relações e trocas, ao fundo ouvíamos as músicas do artista Jonathan Ferr²(2021).

Diferente da dinâmica proposta no primeiro encontro, nesse caso, optamos por usar uma pergunta disparadora para a reflexão sobre como o texto reverberou para cada uma delas. Então, considerando o trecho “se sou a única capaz de ser a selva, então me deixa ser a selva” (Kaur, 2018, p. 244), após a leitura, indagamos: “O que é ser selva para vocês?”. E, da escrita coletiva que se estendeu a partir dessa proposição, mesmo sem que cada uma visse o que a outra tinha escrito antes, percebemos diversos entrelaçamentos, sobressaindo mais uma vez a necessidade que aquelas mulheres sentiam de serem diversas e a aversão que tinha à necessidade que muitas vezes sentiam de precisarem se adaptar.

Ficou muito nítida a vontade de ser múltipla, a vontade de apenas ser, sem precisar se enquadrar, sem precisar se preocupar com os lugares que as mulheres geralmente são colocadas por uma interpretação externa de suas atitudes e escolhas nos mais diversos cenários e relações que se envolvem ao longo da vida. Então, a partir do primeiro encontro, em que nos questionamos sobre os olhos que nos observam, convocamos em continuidade aquelas mulheres a olharam para o oposto do que nos é imposto e esperado, o que é nosso indomável, o que é a nossa selva.

A partir dessa reivindicação, pensamos a terceira proposta por um viés de um trabalho mais corporal, para que pudéssemos explorar

[2] Deixamos aqui o link para o vídeo como indicação para que conheçam o artista e também por ter sido a partir desta música que nos veio a ideia de incluir as músicas instrumentais deste artista no momento de inteireza
<https://www.youtube.com/watch?v=crxfveBW6yU>

o espaço e entender como este nos afeta também. Pensando nisso, nosso momento de inteireza propôs que as mulheres presentes andassem pela sala livre. O convite dessa vez era para que, caminhando, sentissem seus corpos e o espaço, interagindo com o que ali estava e consequentemente se tornariam atores humanos e não humanos nessa rede.

Nessa oportunidade, ao invés de propormos a leitura de um texto escolhido por nós, decidimos espalhar nas paredes desse espaço diversos poemas retirados dos livros da Rupi Kaur (2017, 2018, 2020). Convidamos as participantes a lerem os poemas para que, aos poucos, conforme fossem se identificando, pudessem ir se apropriando daquelas palavras, recolhendo aqueles papéis das paredes para si.

O retorno ao centro da sala se deu quando todas já tinham tido tempo para estarem inteiras ali frente àquelas palavras, sentido o que reverberava. Ao nos reunirmos para trocar sobre a experiência, percebemos que as afetações guardavam relação com as dificuldades dos processos de aceitação, de florescimento, de transformação, em contraposição às cobranças, às expectativas, às normas pré-estabelecidas. O quanto o ato de nos transformar para ser o que somos precisa passar pela dor? Essa dor é nossa ou é causada pelas estruturas que nos enquadram? Tão importante quanto exercermos nossa liberdade de existir como bem entendermos é lutarmos por essa possibilidade de forma coletiva, para que possamos exercer nossa potencialidade nos mais diversos espaços e permitirmos que outras mulheres também exerçam, nos fortalecendo.

No último encontro, diante do tempo de trabalho desenvolvido, o momento de inteireza foi um convite a vendarmos os olhos para nos movimentarmos ao som de uma música instrumental, mas sem nos preocuparmos em sermos observadas. Quais movimentos que-

remos realizar com esses corpos? Quais movimentos nunca fizemos com esses corpos? Propondo a possibilidade de explorarmos novos movimentos, construindo novas possibilidades, sem a preocupação com os olhares externos.

E, enquanto dinâmica, nossa intenção depois de três encontros trabalhando com as palavras foi trabalhar com os desenhos da artista, uma vez que a própria ilustra as páginas de seus livros. Propusemos, então, que as mulheres presentes folheassem os livros sem ler os poemas, escolhendo o que lhes atravessava a partir das imagens apenas. O que esse desenho traz para sua mente? Qual foi a primeira coisa em que pensou quando o viu? Esse desenho tem uma história para você? O que ele está tentando comunicar?

A partir desses questionamentos, realizamos uma escrita criativa individual para expressarmos em palavras como os desenhos escondidos nos atravessaram ali, de forma espontânea e sem elaboração, apenas colocando no papel através de uma escrita livre, durante dez minutos, o que nos ocorreu a partir daquele encontro com as imagens da Rupi. A expressão surgida através dessas palavras expostas sem muito passar por filtros e encorajadas pela espontaneidade trouxe à tona a sutileza e a força desses atravessamentos, indo de encontro à toda dualidade combatida durante todos os encontros e destacando a multiplicidade das diversas mulheres existentes em cada mulher ali.

Com este relato, marcamos nossa clínica não como uma proposta para dizer sobre estas mulheres participantes do espaço de acolhimento, mas para anunciar como tais experiências nos permitiram construir conjuntamente um ambiente de afetações que reverberou novas criações para si e para repensar o mundo que ajudamos a construir. Com as diferentes linguagens (LOMBA, 2020) podemos aprender um fazer psi, assim como colocar em cena variadas formas de afetação capazes de produzir novas narrativas. Inspiradas em Glo-

ria Anzaldúa (2000) a pensar a escrita de nós mulheres do terceiro mundo, convidamos as participantes do esTAR Mulher a também se colocarem neste lugar de protagonistas de uma escrita de si ou de leitoras de tantas artistas que nos auxiliam com seus escritos a repensar o nosso lugar no mundo. Com a TAR, com estas feministas, estas artistas, durante quatro encontros vivemos um espaço de acolhimento, de potência e transformação.

É só o começo

Encerrando este artigo, que faz parte de um capítulo desta história que nos propusemos a contar o início, podemos dizer que o trabalho desenvolvido no grupo esTAR Mulher foi potente, despertando reflexões e afetações comuns nas mulheres que participaram dos encontros. Os temas levantados a partir do encontro com os textos da Rupi Kaur e com as mulheres ali presentes foram convergindo e fomos criando identificação nesse lugar de se estar mulher na nossa sociedade, bem como nas dinâmicas desenvolvidas no grupo, o que ocasionou na criação de um espaço seguro para que esses atravessamentos pudessem percebidos em um lugar de acolhimento. A arte da Rupi teve um papel fundamental na produção de novas redes de afeto. Além disso, as leituras poéticas e os atravessamentos propostos pelas diferentes artes que emergiram da interação com o trabalho da artista, provocou nas participantes um questionamento a respeito da própria condição de ser mulher e das divergências possíveis, experenciais e filosóficas, dentro da identificação com este gênero.

Surgiram também reflexões sobre como estar mulher se entrelaça à expectativa cultural imposta sobre estes corpos, ditos enquanto femininos, e até que ponto tais expectativas promovem contornos sufocantes e opressivos, que eliminam a possibilidade de se exercer com maior diversidade a experiência múltipla do que pode ser estar

mulher. Assim, afirmamos que o presente artigo narra a proposta inovadora de pensar a TAR como abordagem na construção de um fazer clínico articulado com a arte que rompe a lógica individualista da produção de saberes e indica os encontros como cocriação de novas possibilidades de conhecimento e vivência a partir do atravessamento e conexão dos diferentes actantes.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÁUA, Gloria. Falando em línguas:uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, V.8, n1, p.229-236, 2000.
- ARENTE, Ronald João Jacques. A pesquisa em psicologia social: substantiva e processual. *Pesquisas e Práticas Psicosociais*, 6(2), São João del-Rei, agosto/dezembro, p.182-186, 2011.
- ARENTE, Ronald João Jacques. Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da Teoria do Ator-rede. *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: p.7-11, 2008.
- ARENTE, Ronald; MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Por uma psicologia não moderna: o PesquisarCOM como prática meso-política. *Estudos e pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro. v. 15. n. 4. p.1143-1159, 2015.
- ARENTE, Ronald; QUADROS, Laura Cristina de Toledo; MORAES, Márcia Oliveira. Digressões acerca da noção de estilo: contribuições para uma perspectiva não moderna do eu. *Psicologia & Sociedade*, 31, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- CHAIA, Miguel. Artivismo – Política e Arte Hoje, *Aurora Revista de Arte, Mídia e Política*. São Paulo, v. 1, p. 09-11, 2007.
- hooks, bell. *Ensino a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

- JONATHAN FERR. Álbum: **Cura**. 2021.
- KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017.
- KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta, 2018.
- KAUR, Rupi. **Meu corpo, minha casa**. São Paulo: Planeta, 2020.
- LATOUR, B. On recalling ANT. In: LAW, J.; HASSARD, J. **Actor-network theory and after**. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA; Bauru: São Paulo: EDUSC, 2012.
- LOMBA, Debora Emanuelle Nascimento. O que pode o corpo de uma psicóloga? **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 11 (1), São João del Rei, Janeiro a junho, p.135-146, 2016.
- LOMBA, Debora Emanuelle Nascimento. **Diários de uma aluna aprendiz de professora**: inventando modos de aprendensinar Psicologia. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia, 2020
- LOMBA, Debora Emanuelle Nascimento; Lima, Thiago de Sousa Freitas. Bons encontros promissores: parcerias e travessias no Pesquisar COM. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 15(3), São João del-Rei, julho-setembro, p.1-11, 2020
- MOL, Annemarie. Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In J. A. Nunes & R. Roque (Eds.), **Objectos impuros**: Experiências em Estudos sobre a Ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008.
- MORAES, Marcia. Do “PesquisarCOM” ou tecer e destecer fronteiras. In: Gilead Marchezi Tavares; Marcia Moraes; Anita Guazzelli Bernardes (Org.). **Cartas para pensar**: políticas de pesquisa em Psicologia. 1ed. Vitória: EDUFES, 2014.
- MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: Moraes, M. e Kastrup, V. **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- QUADROS, Laura Cristina de Toledo. Uma trama tecida com muitos fios o pesquisar como processo artesanal na TAR. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 15. n4. p.1181-1200, 2015.
- TSALLIS, Alexandra Cleopatre; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; MORAES, Marcia Oliveira; ARENDT, Ronald Jacques. O que nós psicólogos podemos aprender com a teoria ator-rede. **Interações**, São Paulo, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, pp. 57-86, 2006.